

É:
Revista
**Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137
Número XXVII
Volume 1
junho de 2024



**DOSSIÊ “VIDA, ARTE E PENSAMENTO:
PERSPECTIVAS DA FILOSOFIA
FRANCESA CONTEMPORÂNEA”**

Revista do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Juiz de Fora





UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Girlene Alves da Silva – Reitora
Telmo Mota Ronzani – Vice-reitor

Instituto de Ciências Humanas
Fernando Perlatto – Diretor
Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Nathalie Barbosa de La Cadena – Chefe de Departamento
Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso
Eduardo Gross – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Luciana Gaspar Melquiades – Diretora
Marcella Alves Mascarenhas Nardelli – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretária

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañón (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

Sumário

Editorial	1
<i>Pablo Enrique Abraham Zunino</i>	
Artigos	
Obra, vida e pintura em Merleau-Ponty: notas sobre A Dúvida de Cézanne	9
<i>Alex de Campos Moura</i>	
Fazendo-se, a vida se desfaz: a Natureza segundo Merleau-Ponty leitor de Bergson	21
<i>Dani Barki Minkovicus</i>	
The poetic-philosophical experiences of Fernando Pessoa and the non-philosophy of Alberto Caeiro	40
<i>Gisele Batista Candido</i>	
Experiência Mística e Metafísica em Henri Bergson	67
<i>Alexsandro Melo Medeiros</i>	
Uma arqueologia da vida em Michel Foucault	82
<i>Davi Maranhão De Conti</i>	
Diagnóstico e batalha: sobre a dupla caracterização da filosofia por Foucault	94
<i>Felipe Luiz</i>	
Da história como campo de batalhas em Michel Foucault	110
<i>André Constantino Yazbek</i>	
Notas sobre o papel diagnóstico da arte em M. Foucault e P. Veyne	121
<i>Yolanda Gloria Gamboa Muñoz</i>	

EDITORIAL

Dossiê “Vida, arte e pensamento: perspectivas da filosofia francesa contemporânea” – Vol. II

*Aos Professores Franklin Leopoldo e Silva e Carlos Alberto
Ribeiro de Moura, membros eméritos do GT*

A Revista *Ética e filosofia política* (UFJF) publica esta nova edição temática, resultante do XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea (Anpof), evento realizado em ambiente virtual durante os meses de agosto e setembro de 2023. O evento contou com apoio institucional do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética – GEPE e do Núcleo de Extensão e Pesquisa Filosófica – NUPEF da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, além do suporte técnico e da equipe de mediação que possibilitou sua realização através da plataforma de transmissão on-line. Agradecemos a todas e a todos, em especial, a Diego Warmling, Camila Carpen, Tássia Vianna, Lucas Lopes, Caio Souto, Josemary da Guarda e Kássia Ellen Vitorino da Silva. Também agradecemos aos editores da Revista *Ipseitas* (UFSCar) e da Revista *Ética e filosofia política* (UFJF) pela parceria na edição destes dois números

que compõem o Dossiê e que fortalece a divulgação científica da produção em Filosofia.

A proposta do XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea foi recebida com entusiasmo pela comunidade acadêmica, visto que a chamada inicial para apresentação de trabalhos registrou mais de 80 resumos. Os 52 trabalhos selecionados foram organizados em 4 mesas redondas (sobre o pensamento de Foucault, Merleau-Ponty, Sartre e Simone de Beauvoir, respectivamente) e 7 mesas de comunicações sobre essas e outras perspectivas acerca do tema proposto. Além disso, convidamos à professora Débora Morato Pinto (UFSCar) para proferir a conferência de abertura: “O reposicionamento do dualismo em Bergson: uma nova aliança entre filosofia, ciência e arte”. Reforçamos aqui o nosso agradecimento pelo apoio constante. Contamos também com a participação das professoras Geovana da Paz Monteiro (UFRB) e Carolina de Souza Noto (UFSC) na equipe de mediação, às quais agradecemos a colaboração.

Destacamos a importância deste evento, não só pela possibilidade de reunir especialistas de todas as regiões do país, mas também pela provocação dos debates entre professores e alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado), que permanecem à disposição do público interessado no canal YouTube do Curso de Filosofia da UFRB:

<https://www.youtube.com/@FilosofiaUFRB/featured>.

No último dia do XI Encontro, a coordenação convocou uma reunião do Núcleo de sustentação do GT para formar a Comissão científica que conduziria a chamada de artigos para publicação. Foram selecionados 16 trabalhos, distribuídos nos dois volumes deste Dossiê, intitulado: “Vida, arte e pensamento: perspectivas da filosofia francesa contemporânea”. Agradecemos às

professoras Débora Morato Pinto, Thana Mara Souza e ao professor Luciano Donizetti pela colaboração nessa importante etapa.

Neste segundo volume, reunimos uma coletânea de oito artigos que abordam a relação entre vida, arte e pensamento de diferentes pontos de vista e que podemos subdividir em duas partes: na primeira, alinhamos quatro artigos à perspectiva ontológica ou metafísica, inclusive mística e poética, derivada das leituras de Merleau-Ponty, Bergson, Barbaras e Pessoa; na segunda parte, se concentram quatro artigos mais políticos, em consonância com o pensamento de Foucault. Ressaltamos que a imagem de capa deste volume – *O pátio dos loucos*, de Goya, foi sugerida pelo trabalho de Iolanda Muñoz, que comenta essa obra à luz das análises foucaultianas.

Agradecemos às autoras e aos autores pela inestimável contribuição, que agora oferecemos aos leitores como resultado de pesquisas acadêmicas na área de filosofia. Antes, permitam-me apresentar uma síntese dos trabalhos, na esperança de encontrar o liame entre vida, arte e pensamento que inspira este Dossiê.

No artigo “Obra, vida e pintura em Merleau-Ponty: notas sobre *A Dúvida de Cézanne*”, Alex Moura destaca a noção de “reversibilidade” entre criação e mundo manifesta de modo particular na pintura. A obra de arte não é efeito da causalidade mecânica nem criação absoluta; há sempre uma mediação entre passividade e atividade que institui essa reversibilidade ou *transitividade*. O artigo desvenda o “enigma” d’ *A dúvida de Cézanne* através da articulação entre liberdade e situação, diante do impasse entre vida e obra: a obra “exige” a vida assim como a vida apela à obra. Esta “permuta” opera na temporalidade, na interpenetração do passado e do porvir, onde se lê o sentido da obra e sua estreita reversibilidade com a vida. Em *A linguagem indireta e*

as vozes do silêncio, a referência a Matisse permite elucidar o funcionamento diacrônico da pintura como “engrenagem” ou imbricação entre atividade e passividade. O gesto da mão do pintor revela uma decisão “em situação”, isto é, a dimensão diacrítica do movimento expressivo que faz da “escolha” um rearranjo contínuo.

No artigo “Fazendo-se, a vida se desfaz: a *Natureza* segundo Merleau-Ponty leitor de Bergson”, Dani Barki busca enfatizar, através do diálogo com Renaud Barbaras, a importância da noção de virtual na filosofia de Bergson, entendida por Merleau-Ponty como negatividade. O curso sobre o *Conceito de Natureza* opera um deslocamento da “natureza” para o “ser natural”, abrindo caminho para uma “significação temporal do sentido pré-objetivo”, que Barbaras interpreta à luz da leitura deleuziana de Bergson: “o ser do ser natural é o ser virtual”. Com efeito, adverte Deleuze, os graus coexistentes de distensão e de contração são “a realidade desse virtual” – ou possível orgânico, como prefere chamar Jankélévitch. De tal modo, o artigo distingue duas compreensões do bergsonismo: a “filosofia da impressão” como pura positividade; e a “filosofia da expressão”, onde a negatividade se impõe como “uma realidade que se faz num mundo que se desfaz”. Em Bergson, portanto, o virtual corresponde a negatividade da duração, que atualiza a vida nesse “movimento bipolar”.

O artigo “The poetic-philosophical experiences of Fernando Pessoa and the non-philosophy of Alberto Caieiro”, versão em inglês do ensaio de Gisele Candido, aborda o pensamento poético-filosófico de Fernando Pessoa à luz da leitura que Renaud Barbaras faz da poesia de Caieiro, assegurando o diálogo entre os discursos poético e filosófico. No ensaio *Fenomenologia e Literatura: a não filosofia de Fernando Pessoa*, Barbaras lê os poemas de Caieiro desde uma perspectiva fenomenológica, que

repõe os problemas enfrentados por Merleau-Ponty. Desta maneira, o artigo sustenta que a experiência poética agenciada por Caiero ultrapassa certas “soluções” filosóficas relacionadas com o pensamento e a existência, razão pela qual deveriam ser consideradas pela filosofia. Afinal, como diz Pessoa, “não deveria surpreender o fato de que uma coisa é o poeta; outra o filósofo, embora eles sejam o mesmo”, palavras que despertaram o interesse de filósofos franceses como Badiou e Barbaras.

No artigo “Experiência Mística e Metafísica em Henri Bergson”, Alexsandro Medeiros explora a via do misticismo na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião* com o intuito de compreender algo acerca da existência e da natureza de Deus. Considera-se a experiência mística como auxiliar de investigação filosófica, capaz de fomentar a experiência metafísica no sentido de revelar aquilo que os místicos experimentam no estado de iluminação. O conceito de “mística” não é fixo nem definitivo, pois remete a um fenômeno que vai além da linguagem, ultrapassando nossa capacidade de perceber a realidade. Por isso os místicos não conseguem expressar essa vivência no plano intelectual. O próprio Bergson admite que nunca teve uma “iluminação súbita”, mas sim, uma espécie de “desarticulação” provocada pela “leitura dos místicos”, que almejam o contato com o impulso criador da vida – o *elã vital*, essa energia irradiante do amor que Bergson atribui a Deus: “Esse esforço é de Deus, se não for Deus mesmo”.

A partir do quinto artigo, o dossiê se concentra nas leituras foucaultianas: na arqueologia, na genealogia e no diagnóstico do presente pensados em função da vida, da biopolítica, da guerra e da arte. Inicialmente, em “Uma arqueologia da vida em Michel Foucault”, Davi De Conti caracteriza a “opção metodológica” d’*As palavras e as coisas* (1966) como um abandono da definição

“vitalista” da vida que põe em evidência as “tecnologias de poder e de saber” como estratégias do “biopoder”. Na passagem da história natural da episteme clássica para a biologia moderna, a vida não será mais pensada como “conceito científico”, e sim, como “indicador epistemológico” que repercute nos “discursos político-econômicos” da biopolítica. Assim, a vida emerge da figura moderna do homem e carece desse “estatuto ontológico” da idade clássica, momento em que a “(bio)política” passa a regular a vida das populações através de “técnicas de normalização”.

No artigo “Diagnóstico e batalha: sobre a dupla caracterização da filosofia por Foucault”, Felipe Luiz apresenta duas maneiras foucaultianas de se pensar a filosofia: “diagnóstico do presente” e “genealogia”, método histórico-filosófico capaz de intervir nas lutas sociais, valendo-se do pensamento como “caixa de ferramentas” ou como “arma” engajada na batalha. O “médico da cultura” remete à filosofia de Nietzsche, entendida como diagnóstico terapêutico de uma modernidade doente. Foucault aplica essa analogia ao próprio método genealógico e faz o diagnóstico das condições históricas ou da “correlação de forças” que torna algo possível. Enquanto “historicismo”, a genealogia se ajusta também ao “modelo de guerra”, pois o poder é sempre uma “relação de forças” no estado de “guerra social permanente”. A “estratégia”, portanto, só pode ser decifrada na “arte da guerra”.

No artigo “Da história como campo de batalhas em Michel Foucault”, André Yazbek desdobra a dupla função que assume o tema da “guerra” na genealogia foucaultiana dos anos 70: na produção histórica do discurso verdadeiro através do combate; e na luta política, onde a própria história é produto de relações de forças em permanente batalha. A história perde sua “narrativa teleológica” e fica livrada ao “acaso da luta”, daí a necessidade de pensar

“estratégias” em função do “diagnóstico” das forças que disputam na atualidade ou, como diz Paul Veyne, fazer “a guerra atual”. A crítica política se insere na perspectiva histórico-genealógica para revelar “tecnologias de guerra contra as populações”, que afloram nas sociedades de normalização “em nome da necessidade de viver”. Assim, tecnologias biopolíticas como o “racismo” podem determinar a “vida útil” de certas populações, justificando um “poder de morte” que se exerce paradoxalmente sobre a vida.

No artigo “Notas sobre o papel diagnóstico da arte em M. Foucault e P. Veyne”, Yolanda Muñoz confronta duas vertentes histórico-filosóficas contemporâneas: a “discursografia” foucaultiana e a “relatografia” veyniana, a partir da análise de duas imagens: *O pátio dos loucos*, de Goya, que Foucault comenta em *História da Loucura*; e o quadro *Os três filósofos*, de Giorgione, a partir do *Museu Imaginário* de Veyne. Desse modo, a obra de arte baliza dois casos exemplares que extrapolam a “via conceitual”. O “diagnóstico do presente”, que Foucault reivindica como uma “ontologia”, se completa com o diagnóstico veyniano do passado, sendo o historiador uma espécie de “profeta às avessas” capaz de remanejar o “caleidoscópio”. Não obstante, a complexidade do presente estabelece uma diferença entre ambas abordagens, tendo em vista o posicionamento de cada pensador diante das “batalhas do presente”. Pela sua impactante beleza, escolhemos a obra de Goya para ilustrar a capa deste Dossiê.

Certamente, esses oito artigos não esgotam os debates promovidos pelo XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea, mas em conjunto com os oito artigos do primeiro volume – editado pela Revista *Ipseitas* (UFSCar) – oferecem uma perspectiva abrangente, capaz de renovar o interesse pelos estudos realizados nas diversas universidades públicas do Brasil e fomentar

o diálogo com leitores e leitoras que buscam aprimorar conhecimentos filosóficos. Boa leitura!

Pablo Enrique Abraham Zunino
Organizador